



B1

ISSN: 2595-1661

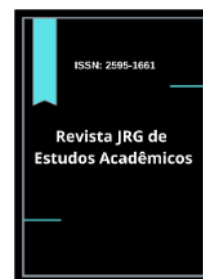
ARTIGO

Listas de conteúdos disponíveis em [Portal de Periódicos CAPES](https://portal.periodicos.capes.gov.br/)

Revista JRG de Estudos Acadêmicos

Página da revista:

<https://revistajrg.com/index.php/jrg>



Do símbolo ao cotidiano: pensar o humano desde um ensaio imago-poético

From symbol to everyday life: thinking about the human from an imago-poetic essay

DOI: 10.55892/jrg.v8i18.2377

ARK: 57118/JRG.v8i18.2377

Recebido: 14/08/2025 | Aceito: 16/08/2025 | Publicado on-line: 19/08/2025

Hidelbrando Lino de Albuquerque¹

<https://orcid.org/0000-0002-6162-6635>

<http://lattes.cnpq.br/6482378721260389>

Universidade Federal de Pernambuco – Centro Acadêmico do Agreste, PE, Brasil

E-mail: hidelbrandolino@gmail.com

Daniela Nery Bracchi²

<https://orcid.org/0000-0003-3247-0202>

<http://lattes.cnpq.br/6149456459123478>

Universidade Federal de Pernambuco – Centro Acadêmico do Agreste, PE, Brasil

E-mail: daniela.bracchi@ufpe.br

Mário de Faria Carvalho³

<https://orcid.org/0000-0002-7071-2586>

<http://lattes.cnpq.br/9631923493264179>

Universidade Federal de Pernambuco – Centro Acadêmico do Agreste, PE, Brasil

E-mail: mariofariacarvalho@gmail.com



Resumo

O foco temático deste ensaio imago-poético emerge de imagens captadas do cotidiano e que dão a pensar questões epistemológicas entre juventudes carcerárias e educação em direitos humanos (EDH) por uma estética da esperança. Imagem-potência imagética que nos provoca a pensar por que jovens são presas(os)? onde falhamos com a educação, se pensada desde os direitos humanos? Com este escrito tencionamos refletir sobre a juventude carcerária e a EDH dimensionadas pela imagem simbólica. O caminho metodológico foi a ‘conversa’ que – liberta de modelos dominantes cristalizados – possibilita escritivências sobre corpos(os) que nos afetam – atravessam no cotidiano. Em linhas (in)conclusivas, refletimos que a EDH caminha por um exercício que ainda não conseguiu alcançar de forma mais integrada os espaços de aprendizagem em todas as suas dimensões.

Palavras-chave: Imaginário. Juventude carcerária. Educação em direitos humanos.

¹ Mestre em Educação Contemporânea pela Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste.

² Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea e Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Inovação Social, ambos da Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste. Doutora em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade de São Paulo. Mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

³ Professor Associado Nível IV do Núcleo de Design e Comunicação e Professor Permanente do Programa de Pós-graduação em Educação Contemporânea ambos da Universidade Federal de Pernambuco / Centro Acadêmico do Agreste. Doutor em Sciences Sociales Université René Descartes - Paris V, França. Mestre em Sociologia Université de Caen Basse Normandie, França.

Abstract

The thematic focus of this imago-poetic essay emerges from images captured from everyday life and that give thought to epistemological issues between prison youth and human rights education (HRE) through an aesthetics of hope. Image-image power that provokes us to think why young people are imprisoned? where do we fail with education, if thought from human rights? With this writing we intend to reflect on prison youth and EDH dimensioned by the symbolic image. The methodological path was the 'conversation' that - freed from crystallized dominant models - enables writing about bodies that affect us - crosses in everyday life. In (in)conclusive lines, we reflect that the EDH walks through an exercise that has not yet managed to reach in a more integrated way the learning spaces in all its dimensions.

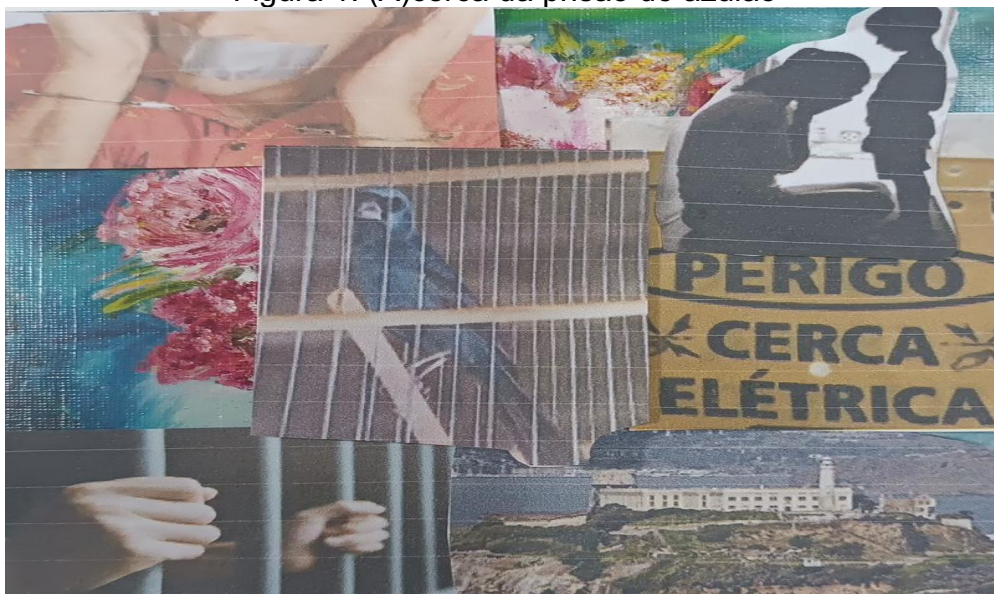
Keywords: Imaginary. Prison youth. Human rights education.

1. Introdução

Apreciamos ao longo da caminhada acadêmica o diálogo com pessoas que nos direcionam o pensar inquietante, o pensar que não se conforma com o que está posto, porque o que está posto foi, em sua maior medida, implantado pelo pensamento dominante e, com maior destaque, pelo sujeito moderno nos últimos séculos. Refletimos que pensar é resistência; é se permitir às dobras deleuzeanas (Deleuze, 1991); é caminho que se faz caminhando se desejamos convergir com o pensamento freireano (Freire, 1987; 1997); é se permitir à conversa cotidiana que provoca aberturas, vias.

A certa altura da caminhada matinal que realizamos semanalmente, em meio aos compromissos cotidianos, ao passarmos pela praça que fica por detrás do Corpo de bombeiros militar da cidade onde residimos, deparamo-nos com um jovem que conduzia um azulão – pássaro comum na região Nordeste – preso dentro de uma gaiola.

Figura 1: (A)cerca da prisão do azulão



Fonte: elaborado pelas pessoas autoras a partir de imagens com licença de uso criativo (2025).

O pássaro preso levado para o tradicional ‘banho de sol’ é uma prática que jovens que costumam criar aves nas cidades interioranas costumam realizar nos primeiros raios do dia. Gaiola... banho de sol.

A imagem do pássaro preso na gaiola provocou nosso pensamento acerca do que também integra o cotidiano dos muros da cidade metaforizado pela placa – Perigo Cerca Elétrica – que se imbrica na imagem da gaiola. Refletimos se os fios (da gaiola e da cerca elétrica) estão, de fato, nos protegendo ou nos isolando do mundo. Presos os pássaros e presas as pessoas em suas próprias casas. Lá se vão os sentidos poéticos da ‘casa’ partilhados sensivelmente por Gaston Bachelard (1993) com vistas para os objetos afetivos, as memórias, vivências, experiências. Cerca elétrica-gaiola que dimensiona a imagem para uma não-representação simbólica ao nosso entender, do ninho, da acolhida, do refúgio. Refletimos que o Estado precisa cuidar mais dos pássaros-pessoas engaioladas.

2. Sobre a conversa como metodologia da pesquisa e escrevivência

É por concordarmos que “conversas são situações que insurgem nas redes de relações que estabelecemos com as pessoas em nosso dia-a-dia, sujeitas às indeterminações e aos acasos que fazem das nossas vidas uma permanente abertura diante do imprevisto” (Ferraço, Nilda, 2018, p. 42) que nos propomos à partilha deste escrito que se pretende ensaístico pelos sentidos que nos tocaram durante uma sensível conversa sobre acasos, experiências (Larrosa, 2018), imaginário (Durand, 1989), corpos(os), mitos, educação em direitos humanos (Cunha, Assy, 2016), esperança. Uma conversa que nos propomos a partilhar com demais pessoas leitoras como um convite por assim dizer.

De modo complementar, permitimo-nos uma experiência com a escrevivência (Evaristo, 2017) que viabiliza, ao nosso entender, neste texto a partilha de narrativas-experiências que nos afetam no cotidiano e operam no campo científico (acadêmico) mobilizando pensares outros acerca das relações que se estabelecem com a(o) outra(o). Escrevivência em que entre o que escrevemos, pesquisamos, sentimos com-no meio social não como “história de ninar os da casa-grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos” (Evaristo, 2017), denunciá-los porque mais oprimem que promovem formação educacional mais sensível por um caminho em que nos propomos a escrita de um ensaio que se pretende imago-poético.

As imagens compartilhadas neste escrito (Figuras 1, 2, 3, 4 e 5) foram confeccionadas pelas pessoas autoras em meio ao processo criativo provocado durante os momentos de conversa sobre a composição do texto. Tratam-se de imagens organizadas sensivelmente com recortes que usamos com licença de uso criativo a partir de materiais que compõem o trajeto da pesquisa em meio às experiências cotidianas.

Experiências que em conversa cotidiana convergem em um texto escrito-pensado a três pessoas autoras pelos atravessamentos-afetações sensíveis.

3. Do símbolo ao cotidiano: o imaginário poético

*Gaiola
Pássaro
Prisão
Banho de sol*

Ao ampliarmos o olhar da gaiola para o jovem que segurava o objeto, observamos ao pé esquerdo dele, uma tornozeleira prisional. Por não termos investido no diálogo, não havia proximidade com a pessoa, não foi possível conhecer o que cometera e ou o que o levou a usar aquele objeto que, por analogia o pássaro que ele conduzia, estava usando.

Jovens que se encontram em regime fechado em espaços de ressocialização também tomam o banho de sol.

Figura 2: o peso da tornozeleira eletrônica



Fonte: elaborado pelas pessoas autoras a partir de imagens com licença de uso criativo (2025).

A cena não se permitia fotografar, de nenhuma forma. Seria uma invasão e desrespeito, se o feito, com a outra pessoa, registrar uma imagem que representava a prisão, duplamente dimensionada, em dois corpos: um humano, uma ave, mesmo que aquele jovem se permitisse. Por um instante, sentimos o peso social que a tornozeleira representa simbolicamente para a juventude submetida ao uso. Refletimos que não estávamos mais diante de uma pessoa jovem com o vigor que a idade espera.

*Como o menino estava envelhecido!
Perdera todas as feições de criança.
Estava adulto, muito adulto.
Meu Deus, que violência!
(Conceição Evaristo, 2018, p. 119)*

A caminhada foi interrompida. Caminhar, de forma livre, ir por onde desejássemos passar, realizar o percurso que havíamos planejado para aquele dia... Aquela imagem mobilizou muitos sentimentos...

A dúvida acerca do que aquele jovem cometera para usar a tornozeleira prisional fixou-se em nossa mente e permaneceu enquanto ensaiamos essa escrita e por mais tempo adiante. Por que jovens são presos(as)? Por que prender os pássaros? Onde falhamos com a educação, se pensada desde os direitos humanos, na perspectiva dimensionada para todas(os) as(os) corpos(as)?

Jovens são presos(as) mais pela falta do que pelo que buscam para suplantar suas carências. A ausência da educação, numa perspectiva mais formativa,

humana, sensível. Uma educação em direitos humanos que oportunize o acesso e o estar nos espaços de aprendizagem desde a mais tenra idade recebendo o apoio do Estado no caminho de encontro à desigualdade. Perdidos(as) em meio à falta de uma educação de qualidade, os caminhos que se apresentam são outros. E, assim, de modo infeliz, a metáfora se repete: qualquer caminho serve para quem está perdido(a).

Refletimos acerca da necessidade de mais ações efetivas possíveis com vistas para o que se espera do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990) por meio do Estado, mas também de melhores condições para que conselheiras(os) tutelares possam atuar melhor nas parcerias entre espaços de aprendizagem formais e informais e a sociedade. Enquanto nos encontramos tecendo a escrita deste ensaio, o ECA caminha para completar trinta e quatro anos de publicação do dispositivo legal como representação de algum avanço social para as crianças e adolescentes (juventudes) a partir da Constituição Federal (1988).

Figura 3: ECA x criança em situação de vulnerabilidade



Fonte: elaborado pelas pessoas autoras a partir de imagens com licença de uso criativo (2025).

Perdidos(as) e carentes de acesso, nas mais variadas dimensões, inclusive afetivas, buscam completar suas carências por meio de práticas que poderiam ter sido evitadas se o Estado tivesse ofertado mais atenção às milhões de pessoas oprimidas que existem em nosso país. Preciso reforçar a dúvida: Por que jovens são presas(os)?

Ao passo que prendemos os pássaros, além da violência física contra animais, nos dispomos de encontro à dimensão simbólica dos pássaros, que é mítica. Pássaros guardam, no imaginário humano, a representação simbólica da liberdade nas mais múltiplas culturas. Representam leveza, libertação. Estão representados nas distintas formas antropomórficas. São humanas(os), animais, deusas(es), elementos da natureza, personagens, mensageiras(os), diurnas(os), noturnas(os), esotéricas(os), protetoras(es) e mais uma série de possibilidades. A pergunta se repete de modo intencional: Por que prender os pássaros?

Para não relacionar a responsabilidade apenas como do Estado, ponderamos que também falhamos com a formalização da educação que deveria ser pensada na perspectiva dos direitos humanos. Educação em Direitos Humanos (EDH), que deveria ser dimensionada para todas(os) as(os) corpos(os), ainda é reproduzida por uma lógica dominante.

Contra tal lógica nos encontramos com a professora Vera Candau (2008) com vistas para pensarmos a educação em direitos humanos que ainda é temática recente no cenário brasileiro, posto que surge nos finais dos anos oitenta (1980), fortalecida pelos movimentos sociais de resistência e pelas lutas contra ditaduras. EDH que segue lutando-resistindo há mais de três décadas contra um imaginário de violência instituído-ressaltado pelas fragilidades educacionais-democráticas brasileiras.

Educação em direitos humanos que – para além dos Plano Nacionais propostos pelo Estado – nos convida a reflexão-crítica por uma EDH que reconheça nossos “direitos como processos institucionais e sociais que possibilitem a abertura e a consolidação de espaços de luta pela dignidade humana” (Flores, 2009, p. 19). A esse respeito e dimensionando o pensamento para a dimensão educativa, refletimos em meio as nossas incompletudes acerca da necessidade de mais formação continuada; mais disponibilidade de materiais para as instituições de ensino formal e não formal desenvolverem atividades mais dinâmicas-oficinas com as juventudes; mais oportunidades de conversas-acompanhamentos com a juventude e comunidade escolar num movimento mais de aproximação-inclusão que de exclusão, entre outras possibilidades educacionais.

Desejamos uma educação em Direitos Humanos que saia da neutralidade e passe a atuar de modo mais ativo por caminhos-estratégias mais expressivas que nos possibilitem “desnaturalizar a posição que supõe que basta a transmissão de conhecimento sobre Direitos Humanos que necessariamente a educação em Direitos Humanos está presente” (Candau, 2008, p. 286) de modo a ressaltar em instituições formais. Refletimos que há Organizações Não Governamentais (ONGs) com mais sensibilidade à causa.

Por outro lado, reconhecemos que houve avanços-contribuições-atuação do Estado no que tange à implementação de políticas públicas para a educação em direitos humanos por meio de Programas, Planos e Secretarias com maior destaque no âmbito nacional e estadual. A esse respeito, consideramos em concordância com os estudos das professora Aída Maria Monteiro Silva e Celma Tavares (2013, p. 52) ao partilharem que o “Brasil é avaliado como o país latino-americano que mais avançou na implementação da educação em direitos humanos”.

No conjunto-acolhimento às pessoas-intenções em prol da educação em direitos humanos, convergimos que “tratar da Educação em Direitos Humanos no Brasil é uma das exigências e urgências para que possamos ter uma formação mais humanizadora das pessoas e o fortalecimento dos regimes políticos democráticos na sociedade” (Silva, Tavares, 2013, p. 50).

Refletimos que a EDH caminha por um exercício que ainda não conseguiu alcançar de forma mais integrada os espaços de aprendizagem em todas as suas dimensões. Utopia? Que sejamos utópicas(os) e, com a utopia, vislumbrar uma pedagogia sensível na qual a razão se insere ao lado da imaginação e que, na convergência de saberes e experiências, são oportunizadas de modo orgânico.

Retomamos àquela imagem do jovem que se mantém presente em nosso imaginário e, como nos fez sentir, diante de um homem, pássaro às avessas. Entre outras imagens de super-heróis, crescemos com a imagem de homens pássaros

como guardiães preocupados com o bem comum. Quanta ingenuidade da nossa parte.

Durante a infância, após assistir àqueles desenhos, relembramos o quanto desejávamos sair pelas ruas voando, como aqueles personagens que preenchiam o nosso imaginário e que nos oportunizavam a sensação de liberdade. Porém, diante daquela infeliz realidade que se apresentara ali na praça, indagamos: o que levou aquele menino-pássaro a perder sua liberdade mesmo que em liberdade condicional?

Figura 4: Sobre o mito de “Capitães da areia”



Fonte: elaborado pelas pessoas autoras a partir de imagens com licença de uso criativo (2025).

Quantos nomes poderíamos escrever nesse espaço em branco da imagem? De quem lembramos ou de quem o sistema prefere não lembrar? O mito, como relato fundante da humanidade (Durand, 1989) se renova na imagem de jovens na contemporaneidade que assim com as personagens da obra *Capitães da areia* de Jorge Amado (1973) representam simbolicamente a crítica social às condições hostis nas quais muitas(os) jovens estão inseridas(os). Como quem deseja um diálogo entre as (imagens) neste escrito, refletimos sobre o que estaria por trás das imagens anteriores (pássaro preso, jovem aprisionado, criança presa à situações de vulnerabilidade) e qual relação que elas tecem com a imagem em tela (figura 4)? Desejariam todos estarem livres? Certamente, sim.

*Para a gaiola, liberdade
Para o pássaro, o céu
Para a prisão, reflexão
Para o banho de sol, mais atenção*

Retomamos à reflexão a partir da imagem pensada na perspectiva dos direitos humanos e que nos leva a questionar: se entendemos que os direitos humanos são necessários, ao estar no mundo, numa perspectiva formativa educacional que oportunize o combate à desigualdade, por exemplo, quando foi a

última vez que visualizamos em espaços de aprendizagem para além do que ocupamos, a preocupação com a temática olhando para grupos oprimidos? Quem mobiliza a causa? Quem se interessa pelo assunto? Se a educação em direitos humanos deve acontecer em todos os espaços, numa dimensão global, a quem recorrer para que tal situação se efetive?

Se houvesse a oportunidade de materializar a imagem daquele jovem, só que capturada de outras fontes midiáticas, com outras personagens de uma mesma narrativa, porque, como disse, não nos permitimos invadir o que se apresentava diante de nós como um movimento contrário ao que estávamos fazendo “caminhar livre”, seria possível pensarmos se “é a produção de imagens dos direitos humanos uma ética disruptiva?”

E, se coubesse em uma única imagem, uma população que excede mais de vinte mil jovens em mais de quatrocentos e cinquenta unidades socioeducativas em nosso país (Brasil, 2015), o que teríamos a dizer na perspectiva de educação em direitos humanos?

Por outro lado, consideramos que a imagem guarda em sua dimensionalidade o desejo de quem a quer ver revelada. Quantas imagens disruptivas não são reveladas?

Como metonímia dessa grande fotografia que se apresenta no cenário nacional, refletimos que aquele jovem não desejaria publicizar sua imagem que, mesmo estando em um espaço aberto (a praça), não o colocaria em situação de igualdade perante outros jovens em situação diferente da sua, por não estarem usando uma tornozeleira prisional.

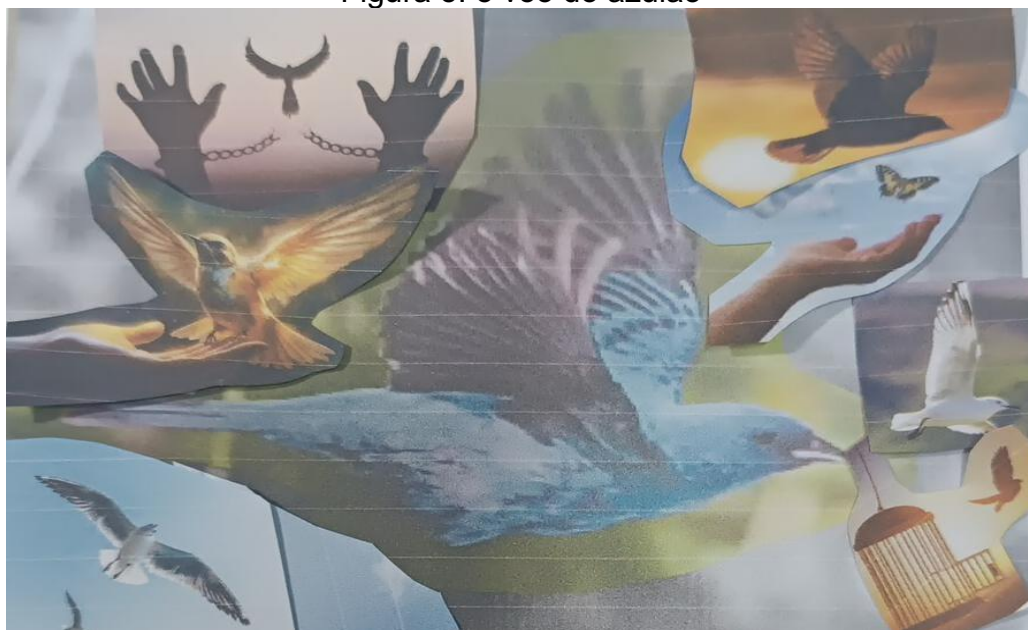
Desigualdade do olhar percebida por aquele instante em que nos permitimos dar mais voltas na pista de corrida da praça, além do que costumamos realizar com o desejo de observar como transeuntes olhavam, ou não, para aquele jovem quando passavam para o trabalho, escola e ou demais lugares que se permitissem ir e vir de forma livre. A triste percepção que aquelas pessoas não direcionavam a atenção para aquele cenário de exclusão que se apresentava diante de nós: um jovem preso, reforçando (possivelmente sem compreender) a mesma condição metaforizada por meio do pássaro preso em sua gaiola.

Questionamos: e se àquele jovem tivéssemos ofertado uma educação pensada na dimensão dos direitos humanos? E se a formação educacional tivesse sido outra, que dialogasse por uma pedagogia freireana (Freire, 1987; 1997) diferente do que temos visto nos currículos escolares?

4. Considerações finais ou para não abandonar o desejo de voar

Não há como não pensar sobre uma epistemologia da injustiça a partir daquela imagem que não se permitiu fotografar. Cogitamos que estamos diante de questão de educação e direitos humanos, voltada para a necessidade de se pensar mais sobre aquele jovem na situação que se encontra, possivelmente, mais por uma carência do Estado do que daquela família oprimida pelo sistema.

Figura 5: o voo do azulão



Fonte: elaborado pelas pessoas autoras a partir de imagens com licença de uso criativo (2025).

Esperançar? Sim!

Referências

AMADO, Jorge. **Capitães da areia**: romance ilustrações, Poty, retratos do autor, Carlos Bastos e Zélia Amado. 36ª ed. São Paulo: Martins, 1973.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BRASIL [Constituição (1988)] **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília – DF: Presidência da República, 1988.

Ministério da Saúde. **Estatuto da Criança e do Adolescente** / Ministério da Saúde. 3 ed. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2006.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Estatuto da Criança e do Adolescente** / Ministério da Saúde. 3 ed. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2006.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria Geral. **Mapa do encarceramento: os jovens do Brasil** / Secretaria-Geral da Presidência da República e Secretaria Nacional de Juventude. – Brasília: Presidência da República, 2015

CANDAU, Vera. **Educação em direitos humanos**: questões pedagógicas. In: BITTAR, Eduardo. (Org.). Educação e metodologia para os direitos humanos. São Paulo: Quartier Latin, 2008. p. 285-298.

CUNHA, José Ricardo; ASSY, Bethania. **Teoria do direito e sujeito da injustiça social: direito e emancipação**. vol. 1. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2016.

DELEUZE, Gilles. **A Dobra: Leibniz e o Barroco**. Campinas, SP. Papius, 1ª Edição, 1991.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. Tradução de Hélder Godinho. Lisboa: Editora Presença, 1989.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória** [livro eletrônico] 3ª edição. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. ALVES, Nilda. Conversas em redes e pesquisas com os cotidianos: a força das multiplicidades, acasos, encontros, experiências e amizades. In: **Conversa como metodologia da pesquisa: por que não?** Orgs. Tiago Ribeiro, Rafael de Souza, Carmen Sanches Sampaio. Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

FLORES, Joaquim Herrera. **A (re)invenção dos direitos humanos**. Tradução Carlos Roberto Diogo Garcia; Antonio Henrique Graciano Suxberger; Jefferson Aparecido Dias. Florianópolis: Fundação Boiteaux, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

ITAÚ CULTURAL. **Ocupação Conceição Evaristo**. Disponível em: <http://www.itaucultural.org.br/ocupacao/conceicao-evaristo/escrevivencia/> Acesso em: 06 jul. 2025.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

SILVA, Ana Maria Monteiro; TAVARES, Celma. Educação em direitos humanos no Brasil: contexto, processo de desenvolvimento, conquistas e limites. **Educação**, [S. l.], v. 36, n. 1, 2013. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/12315>. Acesso em: 12 jul. 2025.